

## 12 horas no canavial<sup>1</sup>

Camila MUNHOZ<sup>2</sup>

Rosane BARROS<sup>3</sup>

Centro Universitário de Maringá, Maringá, PR

### RESUMO

A reportagem apresentada retrata o dia a dia dos cortadores de cana de açúcar na cidade de Tamboara-PR (distante 78 km de Maringá-PR) sob o olhar da repórter que vivenciou a profissão por aproximadamente 12 horas, atuando tanto no corte da cana como em outras rotinas realizadas pelo grupo de boias frias presente àquela jornada. O contato direto com os personagens e com a rotina vivida por eles possibilitou uma maior humanização ao texto jornalístico e proporcionou a pesquisadora uma experiência acadêmica enriquecedora. O material foi publicado na Revista Eu Tenho Profissão<sup>4</sup> que faz parte das atividades práticas do 3º ano de Jornalismo do Centro Universitário de Maringá.

**PALAVRAS-CHAVE:** cortadores, cana de açúcar, boia-fria;

### 1 INTRODUÇÃO

A temática desta reportagem é o cotidiano dos cortadores de cana de açúcar de Tamboara-PR. O município fica na região noroeste do estado e tem a economia essencialmente agrária. Os principais produtos são a cana-de-açúcar, a mandioca e o milho. A população, que de acordo com o censo de 2010, não chega a cinco mil habitantes, depende diretamente da produção agrícola para se manter, principalmente da cana-de-açúcar. Na região existem muitos cortadores de cana, que inclusive vêm de outros estados para desempenhar essa função.

O que motivou essa reportagem foi tentar compreender as condições de trabalho dos chamados boias frias, conhecer a rotina diária bem como as dificuldades que os trabalhadores enfrentam e as percepções que têm da atividade que desenvolvem.

Por meio da vivência da profissão e do contato direto com os trabalhadores, a repórter pôde conhecer o universo do corte da cana de açúcar e em seguida retratar as histórias que ouviu no canavial na reportagem em questão.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade produção em jornalismo informativo.

<sup>2</sup> Aluno líder e estudante do 4º. Ano do Curso de Jornalismo, email: camila.mjor@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: rosane.barros@gmail.com.

<sup>4</sup> Revista Impressa produzida pelos alunos do 3º ano de Jornalismo do Cesumar no ano de 2011.

## **2 OBJETIVO**

### **2.1 GERAL:**

Produzir uma reportagem impressa para a Revista Eu Tenho Profissão que mostrasse o trabalho no corte da cana em Tamboara-PR, as especificidades da atividade bem como as dificuldades e percepções dos trabalhadores em relação a profissão.

### **2.2 ESPECÍFICOS:**

- Levantar dados sobre o corte da cana de açúcar no estado do Paraná e no município de Tamboara;
- Acompanhar e vivenciar o trabalho de um grupo de boias frias;
- Conhecer a linguagem, instrumentos de trabalho, regras e outras especificidades de como funciona o dia a dia em um canavial;
- Retratar as histórias e percepções da experiência em uma reportagem impressa para a Revista Eu Tenho Profissão;

## **3 JUSTIFICATIVA**

A representatividade do cultivo da cana de açúcar para o Brasil e para o estado do Paraná justifica o desenvolvimento da reportagem apresentada. O Brasil é hoje o principal produtor de cana-de-açúcar do mundo. Segundo dados da Conab, Companhia Nacional de Abastecimento, no Brasil, na safra de 2011/2012, a área cultivada com cana-de-açúcar destinada à atividade sucroalcooleira foi estimada em 8.368,4 mil hectares, distribuídos em todos estados produtores. São Paulo é o maior produtor com 52,2%, seguido por Minas Gerais com 8,87%, Goiás com 8,1% e Paraná com 7,3%. A região Região Sudeste do Brasil é responsável por quase 70% de toda a produção nacional, somente o Paraná destina 611,44 mil hectares para o cultivo da cana.

Os dados acima demonstram a importância econômica e social do cultivo da cana de açúcar no Brasil e no estado do Paraná. Estima-se que mais de um milhão de pessoas trabalham diretamente para o setor, muitos como cortadores manuais de cana.

A escolha por essa profissão também se deu pelo fato de a pesquisadora acreditar na possibilidade de encontrar personagens com histórias de vida muito ricas considerando que muitos dos que desempenham essa atividade provêm de outros estados e por vezes deixam

a família em busca de um trabalho. Uma das intenções foi descobrir esses personagens, conhecer suas trajetórias e expectativas.

Outra intenção era abordar o tema de uma forma diferente de como a mídia brasileira de maneira geral tem o tratado. Costuma-se ver denúncias trabalhistas, como foi apresentado no programa “Profissão Repórter” da rede Globo, casos de mortes por exaustão, irregularidades na profissão entre outras coisas. A reportagem apresentada objetivou retratar a profissão tal como ela é, apresentando seus aspectos positivos e negativos sem a intenção de denunciar ou coisa semelhante.

A pesquisadora também acredita que por se tratar de um trabalho braçal que demanda muito esforço físico poderia extrair depoimentos relevantes em relação às condições de trabalho as quais são submetidos esses trabalhadores.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

De acordo com o Manual de Redação da Folha de São Paulo, para o desenvolvimento de toda a matéria jornalística é preciso seguir alguns procedimentos, a começar pelo planejamento e organização do que deve ser feito, isso deve evitar que o repórter se perca no meio do caminho e evita que aja de improviso.

Logo após a escolha da profissão a pesquisadora deu início à pesquisa sobre o universo do corte de cana, pesquisou dados, assistiu e leu reportagens sobre o assunto e fez os primeiros contatos com as usinas da região. Foram inúmeras ligações e dias de espera por uma resposta que sempre vinha acompanhada de uma justificativa de por que o trabalho não poderia ser feito. A pesquisadora ouviu diversos tipos de explicação: falta de tempo, quantidade excessiva de trabalho, algumas alegaram que já haviam cedido espaço para outras equipes da imprensa e que no momento o trabalho não as interessava. Em alguns momentos era possível perceber certa desconfiança em relação às reais intenções da reportagem, por mais que houvesse a preocupação de deixar claro que o único objetivo era retratar o dia a dia dos trabalhadores e não fazer possíveis denúncias.

Como não houve resposta afirmativa por parte das usinas contatadas, a pesquisadora passou a fazer contato com as prefeituras da região. Chegou a ir para Atalaia (distante 52 km de Maringá), mas também obteve resposta negativa.

A maneira encontrada para dar continuidade ao trabalho foi fazer o caminho inverso, não mais pelas fontes oficiais e sim pelo contato direto com os cortadores. Foi aí que a pesquisadora teve acesso a história de Mariane Cheli de Oliveira, a menina que venceu a

Olimpíada de Língua Portuguesa em 2008, expressando sua opinião sobre a mecanização da cana de açúcar e o que isso representa para o trabalho do pai e da cidade onde mora.

Desde o primeiro contato, Mariane se mostrou interessada em contribuir para que fosse possível o desenvolvimento do trabalho proposto. O pai dela, Sebastião de Oliveira já havia participado de uma reportagem feita pela Rede Paranaense de Comunicação e também se dispôs a ajudar. Ele conversou com os diretores da Usina Coopcana, que tem sede em Paraíso do Norte (distante 98 km de Maringá), para quem presta serviço como cortador de cana há quase 20 anos e finalmente conseguiu uma resposta positiva.

Com os contatos em mãos, foi elaborada uma pauta com as questões que deveriam ser abordadas na reportagem assim como os questionamentos que deveriam ser feitos para os trabalhadores, porém, é fundamental que o repórter esteja aberto para novas abordagens que por ventura possam surgir no desenvolvimento do material. Isso aconteceu muito durante a produção da reportagem em questão.

Foi passado o contato de um dos diretores da usina para que os detalhes do trabalho fossem acertados e no dia 23 de abril às 4h30 a repórter, acompanhada por uma repórter fotográfica, pode finalmente se dirigir para a cidade de Tamboara onde pegaria o ônibus dos trabalhadores rurais às 5h30.

No canavial foram emprestados à repórter os equipamentos de segurança necessários para desenvolver o trabalho, assim como foram dadas orientações de como segurar e como bater o facão na cana de açúcar para que o corte fosse feito no local correto e para evitar possíveis acidentes.

Enquanto a atividade era desenvolvida, a repórter esteve o tempo todo prestando a atenção em como os cortadores trabalham e em toda a dinâmica do canavial. Foram feitas entrevistas de uma forma bem descontraída e espontânea, um bate-papo sobre a vida e o trabalho de alguns deles.

Foi dada a repórter total liberdade para interromper o trabalho assim que sentisse necessidade e por mais que o intuito fosse acompanhar toda a jornada de trabalho, com duas horas “batendo baião”, como dizem os cortadores, já estava completamente incapaz de continuar. O sol, o desgaste físico e as primeiras dores musculares a fizeram interromper a atividade.

Em outro dia, a repórter foi conhecer a parte mecanizada da cana de açúcar. Foi nesse dia que teve a oportunidade de entrar em uma colheitadeira e ver como é o trabalho do operador da máquina.

O desenvolvimento do texto aconteceu de forma muito natural. Baseado em tudo o que vivenciou nos dois dias, a repórter colocou no papel tudo o que lembrava selecionando e hierarquizando as informações, inseriu as declarações dos personagens, os dados que obteve por meio de pesquisa e em seguida organizou as ideias de forma de houvesse coesão no conteúdo apresentado.

O início do texto procura ser mais leve e baseia-se nos princípios do jornalismo literário, que tenta transpor o leitor para realidade descrita sem se prender ao lide, a pirâmide invertida e outras técnicas empregadas no jornalismo diário.

As fotografias que compõem a reportagem foram tiradas pela aluna Ana Luiza Colombo Verzola, que também era do 3º ano de jornalismo do Cesumar.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

A reportagem se inicia retratando desde o momento que o boia fria acorda até chegar ao canavial. Nesse percurso a repórter descreve o início da viagem que os cortadores fazem todos os dias, passando por diferentes pontos da cidade para recolher os trabalhadores até seguir para a zona rural.

O início da narrativa tenta transpor o leitor para a situação vivenciada pela repórter, por isso o texto tende a ser mais descritivo, se apegando a detalhes vistos dentro do ônibus e a observações em relação ao comportamento dos trabalhadores. Nesse caso podemos citar as indagações feitas à repórter sobre sua presença na condução, a maneira como os cortadores se portavam, os assuntos discutidos, a oração, o apagar das luzes e o silêncio.

Em um segundo momento é apresentado um breve panorama do trabalho no corte da cana de açúcar. São apresentados dados em relação ao esforço físico necessário para a atividade assim como a expectativa de produção das usinas em relação a cada trabalhador ao longo dos anos.

Na sequência começam a aparecer os personagens. Gente que não gosta das condições de trabalho e gente que enxergou ali uma forma de sustentar a família, por isso não reclama. Alguns vêm de fora do estado em busca de um salário melhor, mas sonham em voltar pra casa.

Depois da declaração de um trabalhador sobre seu dia a dia, é apresentada um pouco da organização de trabalho de um canavial, a começar pela divisão feita entre os cortadores para o almoço. Em seguida são apresentados termos próprios daquele universo, como

*apontadores, balizas e pirulitos* assim como são descritas as funções do motorista do ônibus que não se limita a transportar os trabalhadores.

A repórter teve acesso a números referentes à produtividade de alguns trabalhadores e com base neles calculou quanto receberiam pelo trabalho desempenhado em um dia.

O processo de mecanização nos canaviais é algo que preocupa muitos trabalhadores que dependem da atividade manual. No lugar de uma colheitadeira trabalhariam cem pessoas. A reportagem descreve como é comandar uma máquina e afirma que não dá pra negar que estão chegando e ocupando o espaço de centenas de homens e mulheres, no entanto tem quem não se preocupe com isso e acredita que sempre haverá espaço para os bons trabalhadores.

O texto conta ainda a história de uma jovem, filha de cortador de cana, que ganhou a Olimpíada da Língua Portuguesa em 2008, com uma redação que falava do processo de mecanização da cana e o que isso representa para o município onde mora e para a família dela.

Encerrando a reportagem, é apresentado o programa JAA (Jovens Agricultores Aprendizes), que dá aos filhos de trabalhadores rurais uma nova visão sobre o trabalho no campo e os capacita para atividades que não sejam necessariamente braçais e a última história é de uma jovem que deixou os canaviais para trabalhar no lixão e parece não se importar muito com as condições de vida e trabalho nas quais se encontra.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

Antes de dar início os trabalhos que resultaram na reportagem “12 horas no canavial”, a pesquisadora pensou que encontraria uma realidade mais sofrida. Apesar de ainda ser uma atividade extremamente desgastante e mal remunerada, pôde concluir que o cumprimento de algumas exigências impostas pelo Ministério do Trabalho dá aos trabalhadores um suporte que não imaginava que teriam.

Poder descansar o tempo que quiserem, cortar o quanto aguentarem são algumas das liberdades dadas aos trabalhadores, além disso, no canavial são montados banheiros ecológicos e todos os dias na hora no almoço os trabalhadores recebem um repositivo energético em pó, eles também têm acesso a água fresca e sombra nas tendas que são montadas.

A contribuição dessa reportagem para a comunicação social, mais especificadamente para o jornalismo, se dá por meio da constatação empírica de que o

contato direto com o objeto de estudo possibilita uma humanização maior no texto. Também foi possível produzir um material que foge das abordagens tradicionais que em geral denunciam más condições de trabalho e ilegalidades na profissão.

Para a pesquisadora, a contribuição se deu em dois sentidos. Primeiro no aspecto acadêmico e profissional, pois foi possível experimentar uma nova forma de abordagem ao objeto de estudo, no caso, os cortadores de cana. A reportagem de contato permite que o repórter tenha conhecimento de causa e propriedade para escrever sobre o assunto em questão.

Para os cortadores de cana de açúcar que participaram da reportagem, a pesquisadora acredita que esse trabalho representou uma valorização do trabalho no corte da cana. Depois de finalizada a revista foi entregue aos que contribuíram para sua produção e percebia-se facilmente a alegria que aquele material os trazia, pois ressaltava os aspectos positivos, trazia suas linguagens para o conhecimento dos leitores, valorizava-os e reconhecia seu valor no trabalho rural e para a sociedade como um todo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MACIEL, M. C. **12 horas no canavial**. Eu tenho profissão. Maringá: 2011.

IBGE. **Censo Demográfico 2000 - Resultados do universo**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 19 abr. 2012.